

## Histórias iguais com finais diferentes – Tarefa 2

### “JANEIRO 1930

11 - Para mim? Para ti? Para ninguém. Quero atirar para aqui, negligentemente, sem pretensões de estilo, sem análises filosóficas, o que os ouvidos dos outros não recolhem: reflexões impressões ideias, maneiras de ver, de sentir - todo o meu espírito paradoxal, talvez frívolo, talvez profundo.

Foram-se, há muito, os vinte anos, a época das análises, das complicadas dissecações interiores. Compreendi por fim que nada compreendi, que mesmo nada poderia ter compreendido de mim. Restam-me os outros... talvez por eles possa chegar às infinitas possibilidades do meu ser misterioso, intangível, secreto.

Nas horas que se desagregam, que desafio entre os meus dedos parados, sou a que sabe sempre que horas são, que dia é, o que faz hoje, amanhã, depois. Não sinto deslizar o tempo através de mim, sou eu que deslizo através dele e sinto-me passar com a consciência nítida dos minutos que passam e dos que se vão seguir. Como compreender a amargura desta amargura? Onde paras tu, ó Imprevisto, que vestes de cor-de-rosa tantas vidas? Deus malicioso e frívolo que tão lindos mantos teces sobre os ombros das mulheres que vivem? Para mim és um fantoche, ora amável ora rabugento, de que eu conheço todos os fios, de quem eu sei de cor todas as contorções. «Attendre sans espérer» poderia ser a minha divisa, a divisa do meu tédio que ainda se dá ao prazer de fazer frases.

Não tenho nenhum intuito especial ao escrever estas linhas, não viso nenhum objectivo, não tenho em vista nenhum fim. Quando morrer, é possível que alguém, ao ler estes descosidos monólogos, leia o que sente sem o saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo - uma alma - se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou o que julguei ser. E realize o que eu não pude: *conhecer-me*.”

Florbela Espanca, *Cartas e Diário*, organização introdução e notas de Rui Guedes, Venda Nova: Bertrand 1995

## 27/11/2023 – “O imprevisto cor-de-rosa”

Hoje, o dia terminou de forma coloridamente insólita. As aulas correram sem percalços para uma segunda- feira em que se leciona português a uma turma de um curso profissional das 17 às 18 (muito produtivo, como sempre...). Ao sair da escola, e já com a noite a cair, começo a ver uns reflexos cor de rosa no céu...

Primeiro, penso que estou a alucinar, que o dia de aulas teve efeitos alucinogénios. Quanto mais me aproximo de casa, mais confirmo que o céu, naquela direção, estava tingido de um rosa vibrante, néon. Parei o carro, antes de entrar na garagem, para tirar uma foto que provasse que não estava louca, não fosse a cor desaparecer de repente. Quando cheguei a casa fui direta à varanda... lá estava o cor de rosa, será que só eu via aquilo???

A cor era tão intensa que comecei a levantar algumas hipóteses, estaria a presenciar uma aurora boreal extravagante em pleno céu português? Uma publicidade tardia ao filme da *Barbie*? Perguntei-me se os meus olhos estariam a pregar-me partidas ou se, por algum capricho do destino, tinha entrado numa invasão de *ovnis* vindos de um planeta em que tudo é cor de rosa... ao estilo da *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho*.

Depois de muito especular e rir com as minhas próprias teorias excêntricas, após algumas pesquisas nas redes sociais, descobri que a fonte daquela luz rosa não era outra senão uma estufa de *cannabis*, cujas luzes refletiam no céu ao anoitecer. A revelação foi tão hilariante quanto surpreendente, na verdade eu não estava a alucinar mas aquela luz iria provocar alucinações...